

DEMANDAS FORMATIVAS DE DOCENTES DA ESEF/UFPEL: UM ESTUDO DO GRUPO DE INTERLOCUÇÃO PEDAGÓGICA

JÉSSICA URRUTIA PEREIRA¹; FERNANDA DE SOUZA TEIXEIRA²;
FRANCIELE ROOS DA SILVA ILHA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – urrutia.pereira.satolep@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – fteixeira78@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – francieleilha@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A importância da qualificação constante dos processos formativos é quesito básico na discussão do campo de formação docente, seja ela inicial ou continuada. Nesse sentido, que a Universidade Federal de Pelotas criou em 2017 a Coordenação de Pedagogia Universitária (CPU), para oferecer aos docentes “suporte no que tange à atualização permanente de suas práticas pedagógicas, assim como atuar no suporte e na mediação pedagógica de diferentes situações relacionadas aos colegiados de curso” (GIP, 2021).

Neste mesmo ano foi aprovada a Resolução n.15, de 25 de maio de 2017, que cria o Programa Institucional de Pedagogia Universitária – Formação Permanente do Corpo Docente, delineando as linhas de atuação e as respectivas ações da pedagogia universitária: formação para Professores Ingressantes, formação continuada do corpo docente, formação continuada para Coordenadores de Curso e de membros dos NDEs (Núcleos Docentes Estruturantes), e Pesquisas e Publicações em Pedagogia Universitária (GIP, 2021).

Com isso, a CPU e o Programa Institucional de Pedagogia Universitária elaboraram a iniciativa do Grupo de Interlocução Pedagógica, a nível institucional, que trabalha com membros da gestão da CPU e do Programa juntamente com os Representantes das Unidades Acadêmicas da UFPEL. A ideia é que os Representantes sejam orientados e estimulados nas reuniões e encontros formativos do grupo institucional e fomentem discussões e ações para serem desenvolvidas em suas unidades de acordo com as demandas das mesmas.

Acreditamos que essa articulação seja fundamental, assim, nos aproximamos das ideias de Isaía e Bolzan (2004, p.128) quando as mesmas afirmam que “não é possível falar-se em um aprender generalizado de ser professor, mas entendê-lo no contexto concreto de cada professor, tendo em vista as trajetórias de formação de cada um, a trajetória da instituição na qual atuam e para qual atividade formativa estão direcionados”.

Diante disso, este trabalho origina-se do projeto de pesquisa intitulado “Pedagogia Universitária na ESEF/UFPEL: Potencialidades e Demandas nos Processos Formativos” desenvolvido pelo Grupo de Interlocução Pedagógica (GIP). Para tanto, o objetivo deste estudo centra-se em descrever os discursos de docentes sobre as demandas formativas de sua Unidade.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa, do tipo descritivo. A produção de dados ocorreu no dia 28/06/23 em uma reunião conjunta dos

departamentos da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia (ESEF/UFPel), realizada no auditório da unidade, tendo sido pauta previamente prevista. Todos os docentes presentes foram convidados a participar da pesquisa, tendo sido enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o e-mail de todos. Para o andamento do trabalho foi solicitado que os/as docentes se organizassem em grupos de aproximadamente cinco participantes, e dissertassem, inicialmente de forma individual, sobre duas questões abertas propostas pelo GIP que consistiram em: “Identifique as demandas formativas da sua unidade” e “Descreva as suas potencialidades docentes”; a continuação que partilhassem com o grupo realizando uma síntese do percebido no pequeno grupo para então ser compartilhado com os demais colegas. Para este estudo somente a primeira questão foi analisada mediante o método de descritivo. Todos os dados foram previamente escaneados e salvos em pdf.

O material de produção de dados utilizado foi um questionário, formulado pelo GIP, contendo duas questões dissertativas. Para este estudo a questão analisada é “Identifique as demandas formativas da sua unidade”. Os docentes escreveram suas respostas em uma folha de papel fornecida pelo GIP. O material produzido foi escaneado e salvo em PDF para análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo, no Quadro 1, podemos observar quais são as demandas formativas percebidas pelos(as) docentes da ESEF/UFPel.

Quadro 1: Demandas formativas dos/as docentes da ESEF/UFPel.

Docente (nº)	Discurso
1	Utilizar software de pesquisas qualitativas; conhecer novas ferramentas tecnológicas para deixar a aula mais atrativa.
2	Relacionar questões pedagógicas com conteúdos das disciplinas das ciências naturais/exatas; oportunidades de formação não específica da Educação Física e áreas afins; formação humana.
3	A “crise” na EF: o quanto isso nos interessa? EF para quê? Formação inicial em EF pra quê? Docência universitária no campo da EF; Justificações epistemológicas da cisão licenciatura/bacharelado; Para “onde vai” a universidade em tempos de epistemofobia? A aula expositiva: sentidos desta perspectiva no século XXI; Efeitos colaterais da pedagogia das competências na educação superior.
4	Pesquisa qualitativa; análises estatísticas; preparação da parte burocrática (e-aula, cobalto, etc.); Como montar, iniciar um projeto de extensão, ensino e pesquisa?
5	Como inserir nosso deficiente no mercado de trabalho, principalmente com deficiência intelectual.
6	Cursos de mediação professor/aluno; curso de aperfeiçoamento de apresentação (slides, objetivos, mais didáticos).
7	Saber sobre tipos de deficiências na universidade
8	Debates sobre avaliação; Qual o nível de conhecimento esperado do nosso aluno para ser por nós habilitado como profissional?
9	Uso das redes sociais e do smartphone para o ensino e pesquisa; avaliação discente.
10	Novos usos de tecnologia para a educação.

11	Cursos de atualização em práticas didáticas e em mídias para o ensino.
12	Mais festa de integração; Temas transversais; racismo, homofobia, misoginia, assédio.
13	Sem sugestão.
14	Este tipo de experiência que está se realizando hoje; Debate de temas pedagógicos e epistemológicos; Discutir nossa relação com os cargos de atuação: pesquisa/extensão; Buscar aproximação.
15	Como aproximar as diferentes propostas de trabalhos individuais na ESEF: meu espaço de conhecimento “coletivo”; Nossa formação-auto; Saber os princípios que “guarda” cada proposta de trabalho.
16	Formação em metodologias qualitativas; Formação em gestão de tempo e visão estratégica.
17	Proposição de formação em valores, cidadania, política, meio ambiente, avaliação, metodologias “inovadoras”, “era digital”, estímulo a leitura básica do aluno.
18	Como se posicionar como formador de opinião e docente no século XXI; Modos e modelos de avaliação no ensino superior.
19	Metodologias ativas e suas aplicações; Avaliação.
20	Educação Física e a escola; Práticas corporais na EF: sentidos e significados; EF: o quê avaliar?
21	Respeito às diversidades; Relações humanas; Aproximação da formação inicial com o mundo do trabalho.
22	Metodologias ativas; Uso das tecnologias (TIC); Avaliação por competências e habilidades.
23	Metodologias ativas; Uso da inteligência artificial como ferramenta de ensino; Estratégias de avaliação; Avaliação por competências e habilidades.
24	Capacitações sobre metodologias ativas de ensino; Cursos de estratégias para avaliação.

Fonte: autores/as.

Os dados produzidos e expostos no Quadro 1 evidenciam demandas diversas que perpassam o uso de plataformas cotidianas da instituição à inteligência artificial. De qualquer forma, os temas de metodologias ativas e de partilhas entre colegas ficam evidentes e demarcados. Chama atenção também os questionamentos a respeito dos fazeres docentes e do significado do ensino superior levando a interrelação de saberes, vivências e experiências que vão desde o entendimento do campo educacional e seus desdobramentos até questões de ordem pessoal que podem impactar o ser docente. Informações sobre tempo de experiência docente, tempo de trabalho na universidade em questão são informações que auxiliariam reflexões. Parece ser que há uma heterogeneidade em tempo docente e tempo de atuação na instituição estudada, o que também pode impactar as demandas propostas. De qualquer forma, não cabe dúvida que há no corpo docente da unidade uma preocupação e um interesse efetivo por aspectos metodológicos, o que é algo a ser enaltecido e atendido, na medida do possível, a partir de diferentes propostas, que em parte já estão sendo disponibilizadas institucionalmente.

Importante se faz pensar que a formação didática de docentes universitários não perpassa nenhuma legislação, sendo realizada geralmente por meio das restritas disciplinas destinadas à docência e/ou estágios de docência vivenciados nos cursos de pós-graduação. Morosini (2000, p.19) explica que “a política de formação de professores para o ensino superior é realizada de forma indireta”, pois os parâmetros de qualidade institucional influenciam neste processo, e as instituições desenvolvem uma política de capacitação de seus docentes fundamentada em tais parâmetros.

4. CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo refletem a riqueza das demandas formativas dos/as docentes da ESEF/UFPel, abrangendo uma ampla gama de interesses e preocupações que variam desde a adoção de tecnologias digitais até questões fundamentais relacionadas à prática pedagógica e à identidade docente no contexto do ensino superior. Destaca-se a ênfase nas metodologias ativas e na busca por estratégias de ensino colaborativas, evidenciando um desejo de inovação e melhoria constante no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a pesquisa ressalta a necessidade de uma formação didática mais estruturada para os/as docentes universitários, uma vez que essa área não é abordada por legislação específica. A heterogeneidade do corpo docente e a importância de institucionalizar propostas de formação que atendam a essas diversas demandas também emergem como fatores cruciais para o desenvolvimento profissional e a qualidade do ensino na instituição. Portanto, os resultados indicam a importância de promover uma formação docente sensível e adaptada às necessidades variadas dos/as professores, abordando tanto as dimensões tecnológicas quanto as pedagógicas e éticas do ensino superior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIP. **Grupo de Interlocução Pedagógica.** Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cpu/gip/>. Acesso em 23 de maio de 2021.

ISAÍA, S.M.A.; BOLZAN, D.P.V. Formação do professor do ensino superior: um processo que se aprende? **Educação**, Santa Maria. v.29, n.2, p.121-133, 2004.

MOROSINI, M. C. Docência Universitária e os Desafios da Realidade Nacional. In: MOROSINI, Marília Costa (Org.). **Professor do ensino superior**: identidade, docência e formação. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. p. 11-21.